

A MULHER NEGRA E SEU LUGAR NA SOCIEDADE A PARTIR DE LÉLIA GONZALEZ

Data de aceite: 02/09/2024

Mayra Paula Bispo de Moura

<http://lattes.cnpq.br/6096868881737700>

Maria da Luz Alves Ferreira

<http://lattes.cnpq.br/2255354305899190>

RESUMO: Há 500 anos mulheres negras veem ocupando um lugar de sustentação e presença nas revoltas contra o sistema escravocrata e racista, em que o Brasil foi inserido, o presente estudo é resultado parcial de uma pesquisa que analisa a mulher negra a partir das concepções teóricas das categorias de classe e raça da autora Lélia Gonzalez, trata-se de uma revisão bibliográfica. Essa autora dedicou seus estudos a análise da formação do país a partir do sujeito negro, em especial da mulher negra que foram destituídas de sua humanidade, sendo alocadas em um espaço inteiramente servil, em que tinham como propósito de sua existência em nutrir, educar e cuidar de crianças brancas filhas de seus senhores. Assim, trazendo em suas obras o seu lugar e contribuição na formação da sociedade brasileira que, de maneira inconsciente, transmitiu a cultura negra e seus valores. Diante do exposto, é notória a contribuição e importância do pensamento

de Lélia Gonzalez para a formação do país e suas contribuições para o feminismo negro.

PALAVRAS-CHAVE: Lélia Gonzalez, Feminismo, Mulher Negra.

THE BLACK WOMAN AND THEIR PLACE IN SOCIETY FROM LÉLIA GONZALEZ

ABSTRACT: For 500 years, black woman have been occupying a place of support and presence in the revolts against the slavery and racista system, in which Brazil was inserted. The present study is a bibliographical review, and it is a partial result of research that analyzes black women based on the theoretical conceptions of the categories of class and race by author Lélia Gonzales. This author dedicated her studies to analyzing the country's formation based on the black people, especially black women who were deprived of their humanity, being placed in an entirely servile space, in which the purpose of their existence was to feed, to educate and to take care of white children daughters of their masters. Thus, bringing in her works her place and contribution in the formation of Brazilian's society, which, unconsciously, transmitted black culture and its values. In light of this, the contribution and

importance of Lélia Gonzalez's thought to the formation of the country and her contributions to black feminism are notable.

KEYWORDS: Lélia Gonzalez; Feminism; Black Woman.

INTRODUÇÃO

Há 500 anos mulheres negras veem ocupando um lugar de sustentação e presença nas revoltas contra o sistema escravocrata e racista, em que o Brasil foi inserido. Mulheres que foram destituídas de sua humanidade, sendo alocadas em um espaço inteiramente servil, em que tinham como propósito de sua existência o nutrir, educar e cuidar de crianças brancas filhas de seus senhores.

Objetivamente, pretende-se analisar a mulher negra a partir das concepções teóricas das categorias de classe e raça da intelectual Lélia Gonzalez. O estudo trata-se de uma revisão bibliográfica. A autora dedicou seus estudos a análise da formação do país a partir do sujeito negro, em especial da mulher negra, trazendo em suas obras o seu lugar e contribuição na formação da sociedade brasileira que, de maneira inconsciente, transmitiu a cultura negra e seus valores.

Gonzalez (1984) analisou os três estereótipos (mulata, doméstica e a mãe preta) que foram colocados na mulher negra pela sociedade brasileira e a uma dupla opressão que essa enfrenta, visto que sofre duas vezes, por ser mulher e ser negra. A autora explica em seus textos que a mulher negra é responsável pela formação da sociedade brasileira, de forma inconsciente, essa mulher transmitiu a cultura negra e os valores, a autora argumenta que há quinhentos anos a mulher negra ocupa um lugar de sustentação, presença nas lutas, revoltas contra o sistema escravocrata e no movimento feminista. Diante do exposto, é notória a contribuição e importância do pensamento de Lélia Gonzalez para a formação do país e suas contribuições para o feminismo negro.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

No campo de estudo das ciências sociais os marcadores sociais tentam explicar como são constituídas socialmente as desigualdades e hierarquias entre as pessoas. Marcadores, como classe, raça e gênero não devem ser vistos isolados, mas articulados. Neste sentido, Carla Akotirene (2019) explica que o termo Interseccionalidade¹ é um instrumento analítico utilizado pelas feministas negras para discorrer sobre conceitos inseparáveis na estrutura do capitalismo, racismo e gênero.

Sueli Carneiro (2001) analisou que o movimento de mulheres negras é uma busca por espaços do protagonismo a partir da tomada de consciência, sendo esse o primeiro passo para uma visão crítica e também política, uma vez que as mulheres negras não se sentiram contempladas dentro do movimento negro e feminista, levando-as a construção de um novo espaço, sendo este o feminismo negro. É nessa direção que se dá o caminho político das mulheres negras que têm muito a fornecer e potencializar as ações políticas das mulheres.

Gonzalez (1984) explica que ao estudar sobre esses estereótipos percebeu que a biografia das ciências sociais da época limitava-se a violência e experiência da mulher negra sobre a sociedade daquele momento, exclusivamente as questões econômicas, o acesso ou não acesso em relação ao racismo e estrutura material. Devido a isso intelectual busca na psicanálise conceitos como a neurose/denegação para entender sobre impacto/violência desses estereótipos de maneira que não se pode quantificar.

Assim, Lélia Gonzalez chama de neurose cultural brasileira a relação de poder entre o patriarcado e o processo de formação e a mulher negra nesse lugar. Sendo transmitida dentro das relações, a neurose, vai se transmutar dentro de modo a criar o racismo estrutural, com dois marcadores dentro da estrutura social e política que não permite que pessoas negras acessem outros lugares, inclusive lugares de poder, devido a própria dinâmica de funcionamento da sociedade brasileira, mas também no inconsciente das pessoas, como apontou Lélia em seus textos que o racismo no Brasil é um tabu não dito, não visto.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Percebemos que no Brasil ocorre a tentativa de ocultar a africanidade presente, o contrário de países como os Estados Unidos (segregação racial) e África do Sul (*Apartheid*) que não tinham como objetivo ocultar ou domesticar pessoas negras, mas sim excluir, afastar. A tentativa de domesticação da população negra brasileira aconteceu de forma diferente, colocou a mulher negra nestes lugares de domesticação de corpos negros como sendo a base de tudo. (GONZALEZ, 2020)

Kimberlé Crenshaw (2002) nomeia as opressões sofridas pelas mulheres negras de interseccionalidade, visto que a mulher negra não tem como escolher uma opressão que a atravessa, são múltiplas opressões que colocam essa mulher na base da pirâmide de estratificação social.

Lélia Gonzales (2020) dialoga com a autora supracitada ao afirmar que foi dentro do movimento negro que apareceu as primeiras organizações de mulheres negras. Temas que incomodava as mulheres negras como sexismo era discutido separadamente e em seguida, apresentado ao movimento negro, como ocorreu “em 1975, quando as feministas se reuniram na associação brasileira de empresa para comemorar o Ano Internacional da Mulher, as mulheres negras estavam presente para denunciar a superexploração e a opressão da mulher negra (GONZALEZ, 2020, p. 163).

Gonzales (2020) explica que as mulheres negras ao participarem das reuniões e congressos das feministas brancas, eram vistas como raivosas devido às provocações em relação à pauta racial que também deveria ser pauta no movimento feminista. Assim como a questão do sexismo afeta as mulheres, a questão do racismo também atrapalha a vida da mulher negra, de forma que é parte estrutural da violência e exploração bem como o sexismo.

Contudo, Gonzalez (2020) argumenta que alguns segmentos do movimento feminista aderem às questões levantadas pelas mulheres negras, porém “(...) o movimento brasileiro de mulheres, na medida em que emergiu do movimento ocidental de liberação das mulheres, ainda reproduz seu “imperialismo cultural” (Gonzalez ,2020, p 164). A autora expõe que o movimento feminista branco era elitizado, não discutia a questão racial “devido a conexão com o sistema simbólico que o lugar da mulher negra em nossa sociedade como um lugar de inferioridade e pobreza é codificado em uma perspectiva étnica categórica de objeto sexual” (Gonzalez, 2020, p.165). Na análise da autora, a mulher negra é colocada em lugar de subalternidade, apenas para servir ou como objeto sexual. Na sociedade brasileira, a mulher negra é vista:

Como um corpo que trabalha e é superexplorado economicamente, ela é a faxineira, arrumadeira e cozinheira, a “mula de carga” de seus empregadores brancos; como um corpo que fornece prazer e é superexplorado sexualmente, ela é a mulata do Carnaval cuja sensualidade recai na categoria do “erótico-exótico (GONZALEZ, 2020, p.170).

Percebe-se que a mulher negra é vista apenas como um corpo para servir, seja como super exploração dos serviços braçais ou pela exploração sexual, na objetificação do corpo. Portanto, quando uma pessoa negra possui os elementos para ocupar um lugar de destaque em relação a sua performance, o lugar desta é no serviço braçal, visto como objeto de exploração e sexualização. Gonzalez (2020) aponta que todas essas questões em relação ao lugar do negro na sociedade, tem forte influência no mito da democracia racial em que se acreditou que as relações raciais são agradáveis.

Para Florestan Fernandes (2018), a forma como a mulher negra é inserida no trabalho na sociedade capitalista não é da forma ideal,

Por causa de sua integração à rede de serviços urbanos, é a mulher (e não o homem) que vai contar como agente de trabalho privilegiado não no sentido de achar um aproveitamento ideal ou decididamente compensador, mas por ser a única a contar com ocupações persistentes e, enfim, um meio de vida. Se lembrarmos que o “elemento negro” saía da escravidão sem formas de vida social organizada, temos aí um sistema de referência suficientemente amplo para indicar o que iria ser, para ele, a vida na cidade (FERNANDES, 2008, P. 83).

Em relação ao trabalho das mulheres negras fazem-se necessárias duas importantes observações: em primeiro lugar a mulher negra sempre trabalhou. O que justifica que sempre exerceu a dupla jornada de trabalho, pois além do trabalho escravo (feito nas lavouras ou na casa dos senhores) as escravas tinham que ter o cuidado com os filhos. A partir do “fim da escravidão” a mulher negra ingressou no trabalho em atividades de segunda classe, sobretudo como trabalhadora doméstica, que foi uma continuidade das atividades exercidas no período de escravidão na casa grande. Em segundo lugar destaca-se o fato de que a mulher negra foi inserida na sociedade porque a partir do estigma social de ser pessoa que tem habilidades de cozinhar melhor, de ser melhor lavadeira e

principalmente de cuidar bem dos filhos das famílias brancas, de classe média, inclusive, muitas vezes fazendo a função de ama-de-leite. Essas habilidades foram nas perspectivas de Florestan Fernandes e de Lélia Gonzalez fatores fundamentais que contribuíram para pensar a mulher negra no desenvolvimento do país.

Apesar de serem destituídas de sua humanidade, as mulheres negras eram alocadas em um espaço inteiramente servil, onde sua existência tinha como propósito nutrir, educar e cuidar de crianças brancas. Na atualidade existem resquícios dessa prática, sendo as mulheres negras e mestiças as maiores responsáveis por serviços de limpeza e cuidados infantis, ocupando os subempregos.

Neste contexto, Lélia Gonzalez (2020) explica que a mulata seria o fruto da miscigenação oriunda do estupro de mulheres negras e que performa uma imagem hipersexualizada e objetificada. A autora realiza uma conexão entre o estereótipo da mulata e a incidência de mulheres negras e mestiças na prostituição. Em nossa sociedade, a mulher negra personifica o ideal patriarcal de servidão e reprodutividade, nesse sentido, quando jovem, ela é mulata, quando mais velha, é mãe negra e assim continua a opressão com base na raça e no sexo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na perspectiva de Lélia Gonzalez (1984), a mulher negra é responsável pela formação da sociedade brasileira. De forma inconsciente, essa mulher transmitiu a cultura negra e os valores, assim, a autora argumenta que há quinhentos anos a mulher negra ocupa um lugar de sustentação, presença nas lutas, revoltas contra o sistema escravocrata e no movimento feminista. A autora analisou três estereótipos que foram colocados na mulher negra pela sociedade brasileira: mulata, doméstica e mãe negra, além da dupla opressão que essa mulher negra enfrenta, visto que a mulher negra sofre duas vezes, por ser mulher e ser negra.

Diante do exposto, o trabalho visou mostrar como a mulher negra foi responsável pela formação social e cultural do país. Assim, é notória a importância do pensamento de Lélia Gonzalez, para compreensão da formação do Brasil e as contribuições da intelectual para o feminismo negro, a partir das categorias raça e classe que não foram consideradas pelo feminismo hegemônico.

REFERÊNCIAS

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo; Pólen, 2019

CARNEIRO, Sueli. Movimento Negro no Brasil: novos e velhos desafios. In: **Caderno CRH**, Salvador, n. 36, p. 209-215, 2002. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/movimento-negro-no-brasil-novos-e-velhos-desafios-por-sueli-carneiro/>. Acesso em: 09/05/2021

FERNANDES, F. **A integração do negro na sociedade de classes**: (o legado da “raça branca”), volume I, 5 ed- São Paulo : Globo, 2008.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de Amefricanidade. RIOS, Flavia; LIMA, Márcia. Organização. (Org). In: **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GONZALEZ, Lélia. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In: **Revista Ciências Sociais Hoje**. Anpocs. p.223-244. 1984. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5509709/mod_resource/content/0/06%20-%20GONZALES%2C%20L%20%20A9lia%20%20Racismo_e_Sexismo_na_Cultura_Brasileira%20%281%29.pdf . Acesso em: 09/05/2021